

# BEATRIZ TALVEZ ESSE O TEU NOME

FERNANDO ANTÓNIO

É esse o teu nome de cidade. Esse: o Tejo todo, a lama viscosa dos petroleiros, o cais de Alcântara (Digo: **Assis, a guerra**). Esse o duro ofício dos oleiros.

Debruço-me entretanto. Detenho-me em teu nome (Digamos: **o teu nome sabor de madrugada**). Tejo sem Tejo em que te vi: duas, três vezes, a cerveja. Mosteiro antigo, a cova da Trindade. Os azulejos cavos, a gorda Primavera, o Verão, as cornucópias lentas, as chuvas e as ceifas. E pergunto se o mesmo triângulo rememoras — **O Tejo em terras de Barrancos. O branco de, é isso, Évora.**

Teu nome era esse, de cerco, de cidade. Nome, o teu nome verdadeiro. Um rosto de sorriso. **Sim, cerveja.** Sei, disse estou seguro, o muro branco de Évora, de Barrancos. “As ancas, os cabelos?”, me perguntas. Digo: **inventado**. “E os lábios? E os olhos firmes no meu nome?”

Na madrugada pensava incipiente: **se te amasse?**. Claro, a idade, o sexo desgastado, o vinho, anís, “Outra cerveja?”. **Anos, outras latitudes.**

Falei-te no deserto, nos areais sem fim (sic), no seu poente, no copo que de repente abeias. **Areias toscas, outras latitudes** (Sebastião agora toca Bach, riachinhos de peito contrafeitos).

“O passado — me dirias por exemplo — as frustrações da vida freudiana”. — **Pois**. “Infeliz de ti! Agora eu, este regaço de Natal, não já pensaste?, o disco de Brel, a tua idade, os meticulosos acordos?”. “Vês que estamos próximos, quase ao lado?”.

Cão enxarcado, apodrecido à chuva, envolvendo poemas, perpétuas saudades. O teu vestido e tu, tão rosa. De granito seria, isso, a rosa. Digo: **asfalto**. Isto é: a segurança do teu sorriso sério. •

Lisboa 1979